

## SIMPÓSIO AT128

### IDENTIDADE E NARRATIVA DE ÓTICA FEMININA EM INES PEDROSA

ROCHA FILHO, Ulysses  
Universidade Federal de Goiás  
[ulysses.rochafilho@gmail.com](mailto:ulysses.rochafilho@gmail.com)

**Resumo:** Esta comunicação ressaltará a construção narrativa que emerge do âmbito literário da escritora portuguesa Inês Pedrosa e desloca-se em fluxo contínuo e paradigmático em relação à sua própria cultura de Portugal e Brasil apresentando o fazer literário presente nos romances *Desamparo* (2015) e *A Eternidade e o Desejo* (2007). Para tanto, objetiva-se perscrutar o registro das diversas vozes narrativas (e em seus silêncios), para emoldurar a saga das mulheres luso-brasileiras. Sendo simulacros da história contemporânea dos países envolvidos (Brasil e Portugal), HALBWACHS (2013) teoriza que os fenômenos de recordação e de localização das lembranças não podem ser efetivamente analisados se não considerar os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. Sabe-se que o romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. As formas literárias anteriores refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopeia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero. (WATT, 1996, p. 14). Assim, será ressaltada a utilização da memória na estrutura romanesca, na História ou na fábula e daqueles espaços percorridos pelas narradoras como perspectivas de observação do desamparo em que se encontram seus países.

**Palavras-chave:** velhice; identidade; memória; inês pedrosa; migração.

**Abstract:** This communication will emphasize the narrative construction that emerges from the literary scope of the Portuguese writer Inês Pedrosa and moves in a continuous and paradigmatic flow in relation to its own culture of Portugal and Brazil presenting the literary work present in the novels *Desamparo* (2015) and *A Eternidade e o Desejo* (2007). In order to do so, the objective is to search the various narrative voices (and in their silences), to frame the saga of Portuguese-Brazilian women. HALBWACHS (2013), simulating the contemporary history of the countries involved (Brazil and Portugal), theorizes that the phenomena of memory and location of memories can not be effectively analyzed if one does not consider the social contexts that serve as the basis for the reconstruction work of the memory. It is known that the novel is the literary form that reflects more fully this individualist and innovative

reorientation. Previous literary forms reflected the general tendency of their cultures to conform to the traditional practice of the main test of truth: the entanglements of classical and Renaissance epics, for example, were based on history or fable, and the merits of the treatment given by the author according to a conception of decorum derived from accepted models in the genre. (WATT, 1996, p.14). Thus, it will be emphasized the use of memory in the romanesque structure, in history or in the fable and of those spaces traveled by the narrators as perspectives of observation of the helplessness in which their countries are.

**Keywords:** old age; identity; memory; inês pedrosa; migration.

## Introdução

A escritora Inês pedrosa tem se destacado no contexto português e internacional pela maneira lúcida e original que escreve suas obras sob a égide de múltiplos enfoques, manifestações e abordagens buscando apresentar uma demanda de pesquisa em que se sobrepõem múltiplos ângulos, recortes e enfoques literários, visando ao diálogo da literatura com a tradição cultural, com a modernidade e a pós-modernidade, suas problematizações, contextos e temas.

Integrando-se ao círculo dos novos escritores da década de '90, a escritora e jornalista Inês Pedrosa vem acrescentar à Literatura Portuguesa a voz feminina da contemporaneidade, focalizando as relações humanas sob a égide da amizade. Além disso, vêm à tona o vasto conhecimento, diversificado e controverso dos estudos culturais: identidade, nacionalidade, gênero, etnia, indústria cultural, espacialidade urbana, entre tantas possibilidades.

Escolhemos trabalhar com seus romances, híbridos, estilizados e *múltiplos*, não só em função de seu destaque (e prêmios literários) mas, também, pelo entrelaçamento com os conceitos poéticos (internos, presentes na materialização da linguagem) presentes em sua narrativa. Sua narrativa aponta para os elementos da modernidade (interação com o público leitor no que se refere à linguagem, à metaficção historiográfica e à pós-modernidade), entretanto, dissecar os elementos românticos caros ao povo português: saudade, melancolia e um certo sentimento nacionalista.

Os escritores voltam-se, com frequência, para as propriedades formais da ficção literária porque estas constituem matéria-prima tão real ou irreal quanto as outras, exteriores, empíricas. O ritmo das mudanças nas relações sociais são captadas objetivando a “composição atual das identidades”. Entretanto, conforme

consideração de Linda Hutcheon, o romance moderno revela “uma certa curiosidade que o leva a ver em que medida a arte é de produzir uma ordem ‘real’, mesmo que por analogia, construindo uma ficção literária”, fato que mostra essa “necessidade nova de criar ficções, de admitir seu caráter fictício, e de examinar suas motivações com um olhar crítico” (HUTCHEON, 1977, p.90-96).

Os romances de Inês Pedrosa, eminentemente de conotação feminina<sup>1</sup>, serão observados e analisados sob a perspectiva de estudos culturais e sendo uma narrativa poética num movimento de expansão e retração, na dialética do localismo e do universalismo que caracterizam as formas narrativas reconhecidas nessa autora.

Esses traços singulares pretendem ser um painel da moderna sociedade portuguesa, com ênfase na universalidade dos sentimentos humanos (pouco usuais na modernidade. Quanto mais corriqueiro for o sentimento, melhor para constituir a diegese de suas obras pós-modernas - na ausência de melhor termo para designar as obras híbridas, polifônicas e multifacetadas que fogem aos padrões estabelecidos utilizaremos tal nomenclatura.

## Identidade e Narração

Um dos traços marcantes da sua poética é a união da tradição com a inovação temática, buscando sempre conciliar princípios estéticos diversos com procedimentos inovadores seja nos recortes da temática feminina ou na apresentação de sua narrativa. Dessa forma, os romances *Nas tuas Mãos* (1997) e *Fazes-me Falta* (2002) estarão para a narrativa poética (o tema da morte, o limiar da poesia, os elementos da memória, a inconstância do tempo) enquanto *Desamparo* (2015) e *A Eternidade e o Desejo* (2007), por retratarem o ser humano frente às adversidades contemporâneas (angústia, medo, incerteza, esfacelamento do ser, saudade, stress e outras neuroses urbanas) são elucidados à luz dos pressupostos da *filosofia da rotina*<sup>2</sup>, do sociólogo polonês Zygmunt Bauman.

---

<sup>1</sup> Não se trata de um neorealismo feminino que contribua com a formação do público leitor ovacionado. Querem ser mais que romances que projetem a ótica feminina sob as diversas camadas da sociedade. Por isso mesmo é são díspares de uma estrutura estanque.

<sup>2</sup> Os seus trabalhos são ricos em considerações sobre o modo de viver as relações: hoje expostos a milhares de tentações, e permanecer fiel certamente não é nada óbvio, mas se torna uma maneira para subtrair ao menos os sentimentos da dissipação rápida do consumo. *Amor líquido*, lançado em 2003, partia justamente daí, da dilaceração entre a vontade de provar novas emoções e a necessidade de um amor autêntico.

A obra *Os Íntimos* (2010), considerada de ruptura por causa do protagonismo masculino em detrimento da emblemática presença feminina dos demais romances, ainda assegura uma narrativa com imbricamentos com o erotismo e a mulher, com a presença de Eros e Tanatos (vida e morte) e que devem ser observados sob os reflexos da crítica poética de *A Chama Dupla, Ensaio sobre Amor e Erotismo* (1993) que foi o último livro publicado por Octavio Paz.

Trata-se, certamente, de um ensaio poético, com imagens e caracterizações subjetivas sobre o amor e o erotismo, isto é, sobre a conexão íntima entre o sexo, o erotismo e o amor, desde a memória histórica até à vida quotidiana mais imediata dos envolvidos. Não resvala, tão somente, à análise literária e não teima em dar primazia aos estudos estéticos tradicionais. De fato, trata-se de um diálogo sobre o inusitado – tal como Inês Pedrosa aponta em suas obras *Fazes-me Falta* e *A Eternidade e o Desejo*<sup>3</sup> em que as suas protagonistas encontram-se no limite do amor e do erotismo – entre uma narrativa, dita poética e lírica, e a temática não usual na era da interação midiática: a amizade.

Outro aspecto preponderante na obra *pedrosina* é a recorrência do tema da morte e os diversos papéis que ela representa, em diferentes romances, como mote da narrativa e particular alegoria do passado ou ameaça presente no ato narrativo. Sob esses aspectos recorreremos aos estudos de Sigmund Freud (principalmente no terceiro capítulo) que encontrou, na mitologia, a representação para as forças opostas, através dos *mitos de Eros*, o deus grego do amor e *Thanatos*, o senhor da morte, em constante dialética, presentificada no romance *Desamparo* (2015).

A morte é uma figura mitológica que tem existido na mitologia e na cultura popular desde o surgimento dos contadores de histórias. Na mitologia grega, Tânatos seria o deus Morte, e Hades, o deus do mundo da morte. Em outra vertente, do lado oposto, Eros, a divindade primordial do amor.

A identidade é, então, construída a partir de um repertório cultural que se apresenta na sociedade, que pode se expressar como conhecimento científico, práticas artísticas ou religiosas.

A identidade, de acordo com sua concepção pós-moderna e enquanto resultado das atribuições culturais, é vista como uma manifestação muito mais flexível, uma vez que tem sido mais difícil a

---

<sup>3</sup> De chofre, um dos motes *predosinos*, isto é, a temática do sentimento da amizade, entre duas ou mais pessoas, pode ser observada em algumas de entrevistas aos meios de comunicação e anexadas ao final deste trabalho.

tarefa de se situar num ambiente mediado e formado por uma constante hibridização cultural (CANCLINI, 2003).

Perceber a identidade como processo que emerge de atributos culturais é crucial, portanto, para a compreensão do papel que as representações têm na edificação dos sentidos que compõem as identidades. Nesse contexto, a cultura, enquanto expressão da produção de bens simbólicos que definem as identidades surge como uma síntese de representações capazes de produzir as identificações dos sujeitos com o meio no qual está inserido.

Não se trata, contudo, de um neorromantismo. Embora sua obra esteja recheada de histórias amorosas e a linguagem tenha veleidades líricas, os protagonistas (femininas) encontram-se enclausurados em seus próprios *castelos*: há a mulher que faleceu há pouco tempo, a fotógrafa que não conheceu mãe e avó; a professora universitária que deseja ter um amor pra toda a eternidade e as adolescentes adentrando na fase adulta entre outros tantos personagens da galeria *pedrosina*.

Especificamente sobre o tema da amizade, um dos mais caros e presente em todos os seus escritos, reitera que deve envolver conhecimento mútuo, estima e afeição. Reflete a partir da premissa de que amigos sentem-se bem na companhia uns dos outros e possuem um sentimento de lealdade entre si, ao ponto de colocarem os interesses dos outros antes dos próprios interesses. Independentemente de possuírem gostos similares, a amizade resume-se em lealdade, confiança e amor sendo extremamente necessária em dias de modernidade líquida.

Memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado. Há, ainda, uma significação vulgar que remete à memória a uma categoria relacionada à imagem de depósito de dados. A Memória surge então como mera atualização mecânica de vestígios, por vezes imprecisos – mote principal do romance *Desamparo* (2015):

No Brasil, eu sempre fui a Portuguesa; em Portugal, passei a ser a Brasileira – está lá no caderninho da conta da mercearia do meu primo Zé Paulo, que não me deixa faltar nada porque sabe que eu pago: não está Jacinta Sousa, está escrito 'Brasileira'. (PEDROSA, 2016, p. 56)

(...)

Nas noites de solidão navego pelas redes sociais, crio um personagem cínico, crítico: provooco, insulto, insultam-me, vou procurando fazer que existo assim», na visão de Raul, que continua a afirmar que há «muito tempo que não troco ideias ou interajo com um

amigo de carne e osso. Onde estarão? Emigraram? Com a crise parece que sumiram. (PEDROSA, 2016, p. 126)

A escritora Inês pedrosa (nascida em Portugal, em 1962) se destaca, no contexto português e internacional, pela maneira original em elaborar um diálogo da literatura com a tradição cultural, com a modernidade e a pós-modernidade, sem alterar o modelo tradicional do gênero romance. Suas memórias transportam o leitor pelas curvas do tempo, revendo as urgências do passado com a infinitude da eternidade que precisa ser reinventar, reviver, ressignificar o amor e a amizade. Suas emoções viajam nas dores das ausências, dos silêncios, nas interrogações acerca da morte.

A cena romanesca apresenta elementos que conseguem dizer de temas poucos usuais em literatura e relacionar esses personagens (sempre femininos) com o contexto social tais como: corrupção, egoísmo, desigualdade social e pobreza, com um grau de futilidade muito grande.

Para que essa memória seja resgatada, é indispensável o papel dos narradores (e a forma do narrar, que são plurais) na condução do enredo, penetrando no interior dos personagens díspares e desarticulando o tempo, pois é na descontinuidade temporal que, muitas vezes, contrapõe o presente e passado memorialístico narrado. As narrativas não são a temporais. Ao contrário: a eventual descontinuidade temporal tem por objetivo ser reestruturada, como tecido memorialístico, para a compreensão da voz narrativa.

Aliás, a ausência é um dos elementos que atravessa todas as narrativas. Ausência sempre ocasionada pela morte que destrói os laços entre amigos ou familiares fazendo com que o sentimento não tenha sido realizado, que ficou por ser dito, por ser feito ou, ainda, a ser descoberto. Essa é a temática precípua, sob o olhar das personagens femininas nos romances da escritora portuguesa Inês Pedrosa.

A presença de personagens vários com a função de narrar e buscar a resposta para sua angústia, a temática inusitada da morte como pressuposto da vida (*Eros e Tânatos*) em todos os seus romances, a teia narrativa que explicita o relacionamento das pessoas e o recurso da utilização de cartas, diários, contos, músicas ou emails tornam o personagem de papel que conduz a narrativa um elemento mais próximo do leitor: identificação

A obra mais complexa, neste quesito, é *A Eternidade e o Desejo* em que os protagonistas Clara e Sebastião alternam na categoria personagens-narradores pois

nem sempre o relato é exclusivo de um só. Também devem ser mencionados os expedientes narrativos: a diagramação com caracteres diferenciados uns dos outros (*Fazes-me Falta* é composto de dois narradores que alternam nessa exposição: cada fala vem grafada de forma diferente da outra; em *A Eternidade e o Desejo*, além dos fluxos de consciência da protagonista Clara, percebe-se o sermão de Padre Vieira diluído (entre parênteses) por quase todo o romance); e, *Os Íntimos*: a narrativa é alternada por cinco homens: cada um vai contando sua história e, não raro, elas se imbricam e cada qual dos personagens passa a sua vez ao outrem.

A crítica literária Linda Hutcheon afiança que o romance moderno revela “uma certa curiosidade que o leva a ver em que medida a arte é de produzir uma ordem ‘real’, mesmo que por analogia, construindo uma ficção literária”. Dessa forma, a presença feminina, predomina uma tendência menos documental, ou seja, apresenta os caminhos para a reflexão sobre muitos temas, sem chegar a conclusões definitivas em todos os seus romances.

## Conclusão

Os romances de Inês Pedrosa querem ser poesia ou, minimamente, narrativas que tomam emprestados da lírica, seus elementos: revisitam uma história de amor, na qual as vozes se intercalam apresentando, por si só, uma narrativa subjetiva, com apuro na linguagem e elementos conotativos, presença constante de silêncios e subjetividades. A metáfora, a personificação, o paralelismo sintático, dentre outros recursos, constituem fortes indícios do gênero poético no transcurso dos fatos e narrares. Isso tudo é o que se verifica na obra romanesca de Inês Pedrosa cujo labor e reinvenção com a linguagem são elementos também a serem considerados.

Sabe-se que o romance é a forma literária que reflete mais plenamente a reorientação individualista e inovadora de determinado autor/a. As formas literárias refletem a tendência geral das culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopeia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero. A de Inês Pedrosa, sob o viés da identidade e narrativa múltipla, de ótica feminina, são constantes desafios a serem decifrados.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2003.
- DASTUR, Françoise. **A morte**: ensaio sobre a finitude. Tradução de Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 2001.
- PEDROSA, Inês. **A Eternidade e o Desejo**. Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Instrução dos Amantes**. São Paulo: Planeta, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Fazes-me Falta**. São Paulo: Planeta, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Nas Tuas Mãos**. São Paulo: Planeta, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Os Íntimos**. Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Desamparo**. Lisboa, Portugal: Leya, 2015.
- SOUSA, Roberto Acízelo. **Estudos culturais**: descrição de um conceito e crítica de sua prática. **Matraga**, nº 17, p. 63-70, Rio de Janeiro: Caetés/ Letras, 2005.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte**. Metafísica do amor. Do sofrimento do mundo. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2003.